

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
A CASA  
6 e 27 de Março de 2026

## DOM NA TRUBNOI / 1928 *("A Casa da Praça Trubnaia")*

Um filme de **Boris Barnet**

**Realização:** Boris Barnet / **Argumento:** Boris Zoritch, Anatoli Marienhoff, Vadim Cherchenevitch, Viktor Chklovski e Nikolai Erdman / **Direção de Fotografia:** Evgeny Alekseev / **Cenários:** Sergei Kozlovski / **Interpretação:** Vera Maretskaia (Paracha Pitunova), Vladimir Fogel (Golikov, o cabeleireiro), Elena Tiapkina (Madame Golikova), Sergei Komarov (Liadov, o inquilino do 6º andar), Anna Sudakevitch (Marina, a criada), Ada Vojcik (Fenya), Vladimir Batalov (Semen Byvalov, o motorista), Andrei Gromov (tio Fedya), Vladimir Uralsky, Boris Barnet, Petr Bakseev.

**Produção:** Mezrabpom-Rouss / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda, com intertítulos em russo, legendada em francês e flamengo e eletronicamente em português, 86 minutos, a 18 imagens por segundo / **Estreia Mundial:** 4 de Outubro de 1928 / Inédito comercialmente em Portugal / Exibido pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa em Abril de 1996, no Ciclo "Boris Barnet".

**Sessão de dia 27 com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo**

---

Foi depois deste **Dom na Trubnoi**, o filme que se seguiu à "encomenda" de **Moskva v Oktyabr**, que se agravaram as queixas quanto à excessiva liberdade com que Barnet encarava o argumento. Nesta altura, as autoridades estatais que presidiam aos destinos da cinematografia soviética atribuíam uma importância desmesurada ao argumento, única forma de garantir que o produto final estaria de acordo com as intenções subjacentes a todo o projecto. O argumento assumia-se, por assim dizer, como um "programa": nele estaria contida toda a carga ideológica entendida como necessária, sendo fundamental, nessa perspectiva, que o realizador se preocupasse em segui-lo com a maior fidelidade possível. De outro modo, o "programa" seria traído. Ora para alguém como Boris Barnet essa submissão ao argumento e à palavra escrita era acima de tudo uma enorme limitação. Não tanto por razões de desinteresse político mas sobretudo porque para ele o argumento era apenas um ponto de partida, não se coibindo de o alterar em função das concepções visuais pensadas para cada filme. O caso de **Dom na Trubnoi** deu muito que falar.

No argumento original - escrito por Bela Zoritch e inicialmente destinado a Sergei Komarov - pretendia-se abordar a importância dos movimentos sindicais bem como

denunciar a mesquinhez do espírito e das atitudes pequeno-burguesas. Em vez de Komarov, acabou por ser Barnet o realizador indigitado e, descontente com o que lia, tratou de contratar mais quatro argumentistas para o alterarem. As transformações foram tais que **Dom na Trubnoi** acabou por constituir um pequeno escândalo nos meios do cinema soviético. A revista *Sovietski Ekram*, por exemplo, publicou uma série de excertos do argumento, acompanhados por fotografias do filme, propondo aos seus leitores que procurassem alguma semelhança entre o que estava escrito e o que acabou por ser filmado: a maior anedota era o momento em que o argumento original referia um cão "grande e ameaçador" e Barnet fizera figurar no filme um minúsculo cãozinho... **Dom na Trubnoi** foi ainda severamente atacado por "o tema principal desaparecer por detrás das motivações", resultando numa mera "encenação de vaudeville à la Tchekhov" e reduzindo-se a "uma excentricidade superficial", para citar comentários da época. E isto para além da mais "surrealista" das considerações: o veredicto "oficial" de que o filme "não tinha piada".

Vendo o filme, todas estas acusações são perfeitamente compreensíveis, se atendermos a que quem as proferiu não esperava mais do que um panfleto propagandístico. O que Boris Barnet fez foi pegar nessa temática de cariz mais politizado - a jovem que chega da província e encontra emprego em casa de um patrão burguês que a explora - e partir para uma fantástica elaboração formal que, num sentido, deve tanto às ideias de montagem de Vertov ou Eisenstein como ao burlesco americano de um Buster Keaton, por exemplo. A inventiva de Barnet é surpreendente e os primeiros minutos são de cortar a respiração: depois das belíssimas imagens das ruas de Moscovo a acordarem, com os carris do eléctrico como "leit-motiv" - num processo caro ao cinema soviético clássico -, entramos de repente pela casa da praça Trubnaia adentro - num corrosivo retrato das casas comunais que abundavam na Moscovo de depois da Revolução -, com alguns dos mais espantosos planos jamais filmados. Por exemplo o da casa em corte transversal, enquadrando os vários andares e registando em simultâneo as movimentações dos vários habitantes. Semelhante movimento interno num único plano talvez só tenhamos visto no **Playtime** de Tati. Depois, há a história da chegada de Paracha a Moscovo, com o plano em paralítico e o tempo a "voltar para trás", numa exuberante demonstração da desconcertante liberdade formal de Barnet. Com estes três momentos fantásticos, Barnet põe em acção uma comédia em ritmo acelerado, abundando em "provocações" à linha ideológica pretendida: as avantajadas sindicalistas, de buço e cigarro na mão, ou a encenação da peça de teatro de cariz "revolucionário" sobre a tomada da Bastilha são pormenores a que os dirigentes não devem ter achado grande piada. Tal como a prisão do burguês explorador, demasiado anti-climática para que adquira pleno realce. Mas o interesse de Barnet estava mais no cinema do que na política...

Luís Miguel Oliveira